

**HOMENS AFEMINADOS:
UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS
DA AFEMINOFOBIA**

*Jhonatan Saldanha do Vale¹
Jeferson Camargo Taborda²*

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar a produção científica sobre os impactos psicossociais do estereótipo de gênero relacionados a homens afeminados. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura que utiliza como método a Análise de Conteúdo. O escopo da revisão inclui artigos que tiveram participantes homens com comportamento dito afeminado. Tendo como enfoque trabalhos publicados entre 2010 a 2020, foram selecionados cinco artigos, emergindo quatro categorias de análise: Ser homem afeminado nas instituições sociais; Comportamento de enfrentamento desses homens; Influências da afeminofobia nas condições de saúde; Sugestões dos autores dos estudos. Os resultados evidenciam dificuldades de acesso a direitos sociais básicos por homens afeminados, a relação entre afeminofobia e misoginia, assim como a necessidade de estudos sobre a intersecção com o racismo e outras condições sociais.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidades, afeminofobia, homens afeminados, nível de saúde, revisão de literatura.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Paranaíba (CPAR). Residência em andamento em Saúde da Família e Comunidade pela Prefeitura de Sorocaba-SP. E-mail: jhon_saldanha@hotmail.com.

² Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Paranaíba (CPAR). E-mail: jeferson.taborda@ufms.br. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0003-1564-3212>.

**"EFFEMINATE" MEN:
LITERATURE REVIEW ABOUT THE PSYCHOSOCIAL IMPACTS OF
EFFEMINOPHOBIA**

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the scientific production on the biopsychosocial impacts of the gender stereotype related to effeminate men. It is an integrative literature review that uses Content Analysis as a method. The scope of the review was articles that had male participants with said effeminate behavior. Focusing on works published between 2010 and 2020, five articles were retrieved, emerging four categories of analysis: Being an effeminate man in social institutions; Coping behavior of these men; Influences of effeminophobia on health conditions; Suggestions from the authors of the studies. The results show difficulties in access to basic social rights by effeminate men, the relationship between effeminophobia and misogyny, as well as the need for studies on the intersection with racism and other social conditions.

KEYWORDS: *masculinities; effeminophobia; effeminate men; health level; literature review.*

MASCULINIDADES SUBALTERNAS

As masculinidades, assim como os demais papéis de gêneros, são elaboradas e mantidas socialmente, compreendidas para além de ideias essencialistas ou biologizantes. As masculinidades, ou melhor, os papéis atribuídos aos homens, são construídos culturalmente de acordo com os interesses de cada período histórico. Desse modo, fala-se em masculinidades, no plural (KIMMEL, 1998).

Para as masculinidades que seguem as ideias normativas postuladas socialmente, é atribuído o termo “masculinidade hegemônica”. Há obediência à norma e seguem as práticas esperadas para o “agir como homem”. Nesse é expresso a forma “mais adequada” de ser homem, exigindo que se posicionem de forma viril e, principalmente, não se comportem como as mulheres. Esse modelo de masculinidade evidencia a legitimidade para a dominação dos homens sobre as mulheres. Em contrapartida, as masculinidades subalternas que não seguem as normativas, como minorias sexuais e minorias raciais, são suscetíveis à marginalização e violações de direitos (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013).

Dentro da hierarquia das masculinidades, no topo está o homem cisgênero³ branco heterossexual e de elevadas condições sociais e econômicas⁴. Havendo relações de poder que perpassam e dão força para a dominação do homem em relação às mulheres, como também, na dominação dos homens sobre outros homens. Nessa última relação, as assimetrias são pautadas nas condições étnico/raciais, orientação sexual, idade e outros. Relevante destacar que essas relações de poder podem ser despercebidas por homens que se encaixam na masculinidade hegemônica, uma vez que gozam de seus privilégios. Contudo, para os homens que se encaixam nas masculinidades subalternas, essa relação de poder e dominação é aparente, já que são prejudicados diretamente (KIMMEL, 1998).

Compreendendo a dominação de alguns homens sobre outros, Sedgwick (1993), conceitua o termo afeminofobia. Esse termo é utilizado para descrever e compreender a aversão aos comportamentos socialmente associados ao gênero feminino. Homens que

³ “pessoa cuja identidade de gênero coincide com o sexo biológico que lhe foi atribuído ao nascer” (CADERNO, 2017, p. 90).

⁴ “No balanço geral, em 2018, os brancos ganhavam em média 73,9% mais do que pretos ou pardos e os homens ganhavam, em média, 27,1% mais que as mulheres” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2018, p. 27).

apresentam comportamentos compreendidos como femininos são vistos enquanto pessoas não saudáveis, associadas com déficit e desordem. Esse conceito está associado à misoginia⁵, homofobia⁶ e bifobia⁷, já que reside no imaginário social a continuidade entre gênero, orientação sexual e performance. Portanto, a afeminofobia se sustenta em estigmas associados tanto à homossexualidade quanto à misoginia, podendo ser enfrentado por homens (cisgêneros ou trans⁸) de diferentes orientações sexuais.

Como discutido em Takara (2017), nas escolas, ambiente familiar, emprego e outras instituições sociais há situações que determinam e criam meios de fortalecer a ideia do que corresponde ao masculino ou ao feminino. Seguem os modelos normativos, pautados no sexismo⁹ e binarismo de gênero. Os conhecimentos e modelos investigativos são perpassados por essas concepções dominantes, como estratégia de manter o sistema dominante pautado no modelo branco-heterossexual. Dessa forma, faz-se necessário dar voz e visibilidade para as histórias de vida das minorias sexuais e de gênero. Assim, é uma forma de questionar, problematizar e visibilizar as narrativas, evidenciando as formas de existência. No mesmo sentido, Preciado (2013) questiona

Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, bicha, sapatão, transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero? (PRECIADO, 2013, n.p, tradução do autor).

Enfatiza-se a publicação realizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 1999 na resolução Número 001/99, sobre as *Normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual*. Neste documento é pautado a homossexualidade como uma característica subjetiva do indivíduo, totalmente desvinculada de doença, distúrbio ou perversão. Assim o profissional deve atuar com compromisso ético em não

⁵ “Discriminação e violência contra mulheres (cisgênero ou transgêneros) ou pessoas designadas socialmente como mulheres” (MATTOS et al., 2019, p. 22).

⁶ “Discriminação e preconceito contra pessoas em razão de orientação sexual, podendo ter desdobramentos violentos. O termo se refere à rejeição ou aversão a homossexuais ou à homossexualidade, mas há variações conforme o alvo da discriminação [...]” (CADERNO, 2017, p. 110).

⁷ “Medo, opressão ou ódio em relação à bissexuais” (MATTOS et al., 2019, p. 22).

⁸ “Pessoa que nasceu com vagina ou condição intersexo que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns se autodenominam “transhomens” (CADERNO, 2017, p. 110).

⁹ “Atitude preconceituosa que prescreve para homens e mulheres papéis e condutas diferenciadas de acordo com o gênero atribuído a cada um, subordinando o feminino ao masculino” (GÊNERO, 2009, p. 155).

compactuar com ideologias que defendem ou colocam a homossexualidade como patologia. Outrossim, o *Código de Ética Profissional do Psicólogo* (2005) reforça a atuação baseada no respeito, promoção de liberdade e dignidade humana, contra qualquer forma de discriminação e violência, além de considerar o contexto sócio histórico, político e econômico que os sujeitos estão inseridos. Complementando, o CFP publicou em 2018, as *Normas de atuação profissional frente a travestis e transexuais*, ressaltando que o profissional não deve agir a favor de patologização, discriminação, incitar ou favorecer o preconceito para com pessoas transexuais e travestis.

Assim, considerando o exposto, a presente revisão integrativa de literatura tem como objetivo analisar a produção científica sobre os impactos psicossociais dos estereótipos de gênero relacionados a homens e meninos afeminados. A investigação tomou como base de dados os *Periódicos CAPES* e *Biblioteca Virtual de Saúde* (BVS). Além disso, objetivou-se identificar como estão sendo retratadas suas condições de saúde e principais estressores, além de avaliar se há presença da compreensão desta expressão de gênero com a misoginia e/ou racismo¹⁰.

MÉTODO

Segundo Toronto e Remington (2020) a revisão integrativa da literatura é uma metodologia que predispõe a síntese, análise e incorporação de conhecimentos advindos de publicações sobre determinado fenômeno. Assim, proporciona, o aprofundamento e encontro de possíveis lacunas, orientando a conduta profissional.

Ademais, foi utilizada a análise de conteúdo como técnica para compreensão das informações expressas nos artigos, como também, uma forma de levantar hipóteses diante dessas informações. A análise de conteúdo conta com três fases, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Na pré-análise são determinados os documentos a serem investigados, embasando as hipóteses e objetivos da pesquisa. Nessa etapa há leitura flutuante dos documentos escolhidos, além de formular os critérios de inclusão e exclusão. Na fase de exploração do material, é realizado um firmamento das ações realizadas na etapa passada, como a criação de categorias iniciais para análise. Já

¹⁰ “Doutrina que afirma não só a existência das raças, mas também a superioridade natural e, portanto, hereditária, de umas sobre as outras... [...] Assim, o racismo não é apenas uma reação ao outro, mas uma forma de subordinação do outro” (GÊNERO, 2009, p. 35).

na fase de tratamento dos resultados, são realizadas as inferências e interpretações dos dados (BARDIN, 2011).

Durante a pré-análise, delimitou-se alguns procedimentos. A coleta de dados foi realizada no período de abril a maio de 2021 nas plataformas de dados BVS e *Portal de Periódicos CAPES*. Para a busca de artigos nas respectivas bases de dados, foram selecionadas as seguintes palavras-chave de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde: “Identidade de Gênero”, “Masculinidades”, “Nível de Saúde”, “Saúde do Homem”, “Minorias sexuais e de gênero”, “Sexismo” e “Grupo com Ancestrais do Continente Africano”. Durante a busca, realizou-se diferentes combinações entre os termos, utilizando o operador booleano “AND”, visando o contato com o maior número possível de artigos sobre o assunto.

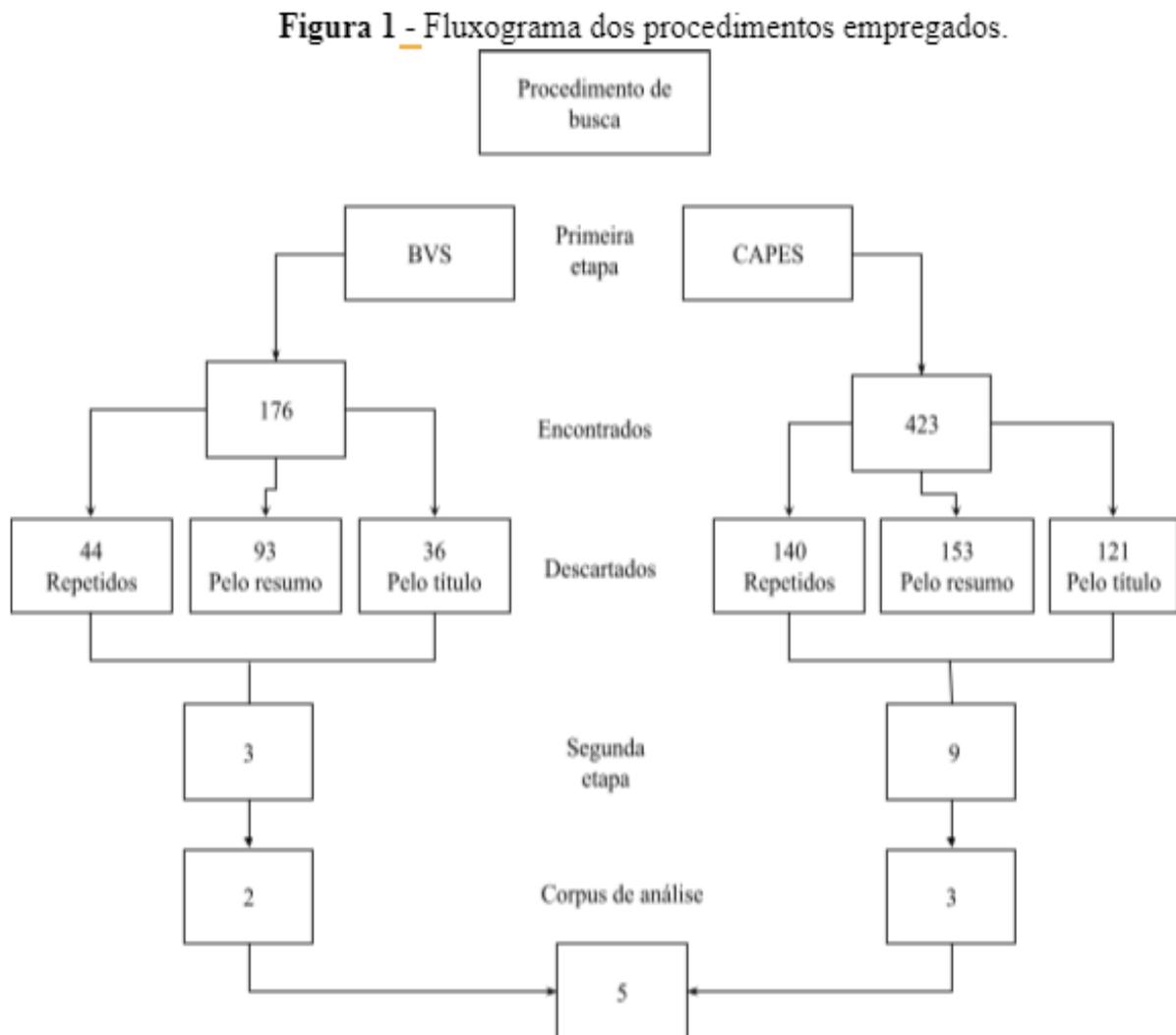
De modo a obter congruência com os objetivos propostos pela presente pesquisa, optou-se por adotar os seguintes critérios de inclusão para os artigos encontrados: (1) artigos que abordam a realidade de saúde de homens afeminados; (2) artigos que apresentam relato de experiência e/ou dados a partir da participação de homens afeminados, por meio de questionário ou instrumento similar; (3) ter sido publicado no idioma português; (4) a publicação ser entre 2010 a 2020.

Quanto aos critérios de exclusão adotou-se: (1) artigos que não abordavam a realidade de homens afeminados; (2) artigos que não apresentavam relato de experiência e/ou dados a partir da participação de homens afeminados por meio de questionário, ou instrumento similar; (3) estar indisponível em português; (4) ser de publicação anterior ao ano de 2010 ou superior ao ano de 2020.

Com base nos critérios de inclusão e exclusão foi efetuada a primeira etapa, a busca na BVS e *Periódicos CAPES*, aplicando as combinações já descritas. Na BVS a busca ocorreu com base no título, resumo e/ou assunto, selecionando apenas o idioma português, cobrindo o intervalo de ano de publicação de 2010 a 2020 e aplicou-se o filtro “texto completo”. No *Periódicos CAPES* a busca teve base no título, autor e/ou assunto, filtrando pelo idioma português, com a data inicial em 01/01/2010 e data final 31/12/2020 e selecionando artigos como tipo de material. Descartou-se os artigos repetidos, finalizando assim, essa primeira etapa.

Posteriormente, ocorreu a segunda etapa, a exploração do material ao realizar a leitura na íntegra das publicações selecionadas anteriormente. Dessa forma, foi verificada

a conformidade dos artigos com os critérios estabelecidos, visto que alguns resumos não tinham todas as informações necessárias. A Figura 1, apresenta o fluxograma dos procedimentos empregados, além da quantidade de artigos encontrados e descartados em cada etapa.



Fonte: do próprio autor

A partir dos procedimentos e critérios adotados, foi possível chegar a cinco artigos, que compõem o corpus de análise desta revisão. A tabela 2, apresenta informações preliminares dos artigos enquadrados: o título, autor e ano, objetivos, delineamento metodológico e principais resultados.

Tabela 2 - Especificações preliminares artigos enquadrados.

Título, autor e ano	Delineamento metodológico	Objetivos	Principais resultados
Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional. Irigaray, Saraiva e Carrieri, 2010.	Pesquisa qualitativa	De que forma se manifesta o humor (piadas) como meio de discriminação por orientação sexual no ambiente de trabalho?	O humor (piadas) naturaliza a homofobia, utilizada como instrumento de controle da sexualidade, do espaço social e dos valores heterocêntricos.
Letra bonita é coisa de menina": a construção de gênero social em um evento de letramento escolar. Semechechem e Jung, 2013.	Pesquisa qualitativa	Analisar a relação da categoria gênero na interação em que um menino precisa prestar conta sobre a dúvida de autoria de sua atividade escrita.	No contexto de letramento os participantes têm pressupostos que o bom traçado da escrita é um padrão relacionado ao gênero feminino. Necessidade de trabalhos que articulam o letramento, local e situadamente, com outros significados e identidades sociais.
Masculinidades, Trabalho e Reprodução de Preconceitos: Um Estudo com Trabalhadores Gays, Lésbicas e Bissexuais. Neto e Saraiva, 2018.	Pesquisa qualitativa	Analisar a masculinidade para trabalhadores não heterossexuais e como ela afeta a dinâmica sócio organizacional.	Ser masculino significa dominar nas organizações, mais do que isso, ter legitimidade social para tanto. A homossexualidade ou feminilidade em corpos masculinos podem não oferecer essa legitimidade.
Performatizações Queer na Educação Física Escolar. Garcia e Brito, 2019.	Pesquisa qualitativa	Problematizar como se constituíam as relações de gênero/sexualidade nas aulas de Educação Física de um menino que não se enquadrava nas normas binárias de gênero.	A experiencição dessa corporalidade alternativa no espaço escolar desencadeou condutas de estranhamento, exclusão e repulsa, enquadrando o menino estudante na condição de desvio, por sua performance de gênero dissonante à norma.
Suicídio e Masculinidades: Uma análise por meio do Gênero e das Sexualidades. Baere e Zanello, 2020.	Pesquisa qualitativa	Analisar os relatos de homens gays, bissexuais e heterossexuais que já manifestaram o comportamento suicida.	Participantes gays e bissexuais romperam com a virilidade sexual normativa. Há necessidade performativas, pelo preconceito internalizado e pela homofobia/misoginia que afeminados são sujeitos; Às mudanças sociais e subjetivas não necessariamente acompanham os avanços jurídicos e institucionais.

Fonte: do próprio autor

Como próxima etapa, tratando dos resultados, após leitura e análise dos artigos enquadrados, notou-se diversos os contextos, objetivos, resultados e faixas etárias dos participantes, embora todos relacionados com a performance de gênero. De modo a alinhar os objetivos da presente revisão e atender aos relatos dos artigos, organizou-se os achados de forma coesa e abrangente, lendo os artigos na íntegra e analisando as semelhanças e diferenças de suas discussões, conforme preconiza o método da Análise de Conteúdo. Assim, as categorias de análise se focalizaram nos relatos das vivências de como é ser homem com comportamentos ditos afeminados em diferentes instituições; o que esses homens têm feito diante de situações afeminofóbicas; os impactos dessas condições sociais na saúde do homem com essa performatividade e as sugestões de enfrentamento descritos pelos autores das pesquisas.

RESULTADOS

Como ilustrado na Figura 1, 599 pesquisas foram encontradas nas combinações dos descritores nas respectivas bases de dados. Contudo, apesar deste grande número, poucos se enquadraram nos critérios estabelecidos, principalmente no que diz respeito ao critério de ter participação de homens afeminados. Portanto, ao final da aplicação dos critérios de inclusão desenvolvidos para esta pesquisa, apenas cinco artigos foram enquadrados e compuseram o corpus de análise da presente revisão (IRIGARAY et al., 2010; SEMECHECHEM & JUNG, 2013; NETO & SARAIVA, 2018; GARCIA & BRITTO, 2019; BAERE & ZANELLO, 2020).

Em relação ao ano de publicação dos artigos enquadrados, observa-se quase uma linearidade nos períodos de publicações, sendo duas publicações no período de 2010 a 2014 e três no período de 2015 a 2020. Quanto aos participantes das pesquisas, vale ressaltar que alguns estudos tiveram a colaboração de outras pessoas que não eram homens com comportamentos afeminados, isso pela diversidade de objetivos das pesquisas. Entre eles: 36 homens sem relato de comportamento afeminado (IRIGARAY et al., 2010), 35 outras pessoas sem especificação de gênero (SEMECHECHEM & JUNG, 2013), três mulheres e quatro homens sem relato de ser afeminado (NETO & SARAIVA, 2018), 15 meninas e 12 meninos (GARCIA & BRITTO, 2019) e seis outros homens (BAERE & ZANELLO, 2020). Já em relação à região dos participantes nos estudos,

houve a presença de estudos no sudeste, centro-oeste, além de um estudo contar com duas regiões (sudeste e sul) e um com três regiões (centro-oeste, nordeste e sudeste).

Nestes cinco artigos selecionados para esta pesquisa, o número de participantes explicitados como homens com relato de “comportamento afeminado” chegou-se ao total de oito. Eles foram classificados majoritariamente como homens gays, apenas em dois casos a orientação sexual do participante não foi descrita, tratando-se de crianças. Quanto à cisgeneridade dos participantes, apenas três foram mencionados diretamente como tal, sendo que nos outros cinco casos, a identificação foi dada por inferência embasada nos relatos. Ademais, por falta de detalhamento metodológico das especificidades de cada participante separadamente, não é possível caracterizá-los individualmente em suas condições étnicas raciais. Assim, dois foram definidos enquanto branco, negro ou mulato, um como pardo, três como pardo ou branco e em dois casos, não houve a descrição. Nenhum dos artigos realizou discussão do racismo interseccionado com a afeminofobia.

Referente à intersecção da afeminofobia com a misoginia, três estudos fizeram essa relação ao abordar: 1) A divisão do trabalho e ambiente organizacional estão baseados no binarismo de gênero e dominação masculina, sendo que homossexuais ou corpos masculinos que expressam feminilidade, ocupam espaço de opressão, sem voz ou legitimidade nos sistemas organizacionais (NETO & SARAIVA, 2018); 2) Relaciona a dominação do homem sobre a mulher, havendo ainda, hierarquização dentre as masculinidades, expressando a antifeminilidade, negando, depreciando e punindo os homens com performance feminina (IRIGARAY et al., 2010); 3) O exercício da educação física na escola pode ser sexista e excludente, na qual a identificação feminina de homens em brincadeiras ou gestos, o tornam suscetíveis a situação de ridicularização e inferiorização (GARCIA & BRITTO, 2019). Portanto, mais da metade dos artigos realizaram a relação entre a afeminofobia com a misoginia.

DISCUSSÃO

Ao analisar os assuntos recorrentes nos estudos, como apresentado na Tabela 3, principalmente com ênfase nos relatos dos próprios participantes, foi possível chegar a quatro categorias de análise que compõem a discussão da presente revisão: 1) Experiências de homens com comportamentos ditos afeminados nas instituições sociais;

2) Quais os comportamentos de enfrentamento que esses homens adotam diante da afeminofobia?; 3) As influências dessas situações nas condições de saúde desses homens; 4) Sugestões de enfrentamento dada pelos autores/pesquisadores dos estudos diante dos relatos.

EXPERIÊNCIAS DE HOMENS COM COMPORTAMENTOS DITOS AFEMINADOS NAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Segundo Kimmel (1998), as masculinidades, compreendidas como estruturadas e mantidas socialmente em determinado tempo histórico e cultural, são pautadas nas desigualdades de gênero entre homens e mulheres, como também nas desigualdades entre os próprios homens. Desta forma a masculinidade hegemônica representada pelo homem cisgênero branco viril dominador ocupa o topo da hierarquia, subordinando as demais masculinidades que não seguem esse padrão. Nesse sentido, as instituições cumprem papel de exaltação das condutas masculinas desejáveis, aos que fogem desse modelo, são suscetíveis a diversos estressores (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013).

Por conseguinte, faz-se necessário elucidar alguns termos. De acordo com o *Dictionary of Psychology (American Psychological Association - APA, s.d.)*, pelo termo preconceito, entende-se as concepções e atitudes previamente concebidas direcionadas a outras pessoas ou grupos. Os preconceitos envolvem componentes afetivos como emoções, cognições relacionadas às crenças baseadas em estereótipos e comportamentos, tal como discriminação e violência. Discriminação é conceituada como o tratamento diferencial, envolvendo o comportamento negativo com membros de diferentes grupos. Portanto, a discriminação pode ser a manifestação comportamental do preconceito. Outrossim, a violência é entendida como “a expressão de hostilidade e raiva com a intenção de ferir ou danificar pessoas ou propriedades por meio da força física” (APA, s.d.).

Salienta-se os diferentes tipos de violência a que estão suscetíveis os homens afeminados: violência física, direcionada a ferir a integridade corporal; violência psicológica, caracterizada pelos danos emocionais e psicológicos; violência sexual, como as condutas que visam constranger mediante a presença, participar ou manter relações sexuais sem consentimento; violência patrimonial, relacionada a retenção, roubo ou

destruição de bens de outra pessoa; violência moral, “qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (BRASIL, 2006, n.p).

De acordo com os participantes dos estudos enquadrados, essas violências apresentam-se de diversas formas. No ambiente organizacional, foram frequentes os relatos de piadas quanto ao modo de sentar por parte da supervisora (Neto & Saraiva, 2018) e inseguranças quanto às oportunidades de ascensão profissional. Na escola, houve relatos de rejeição social pela voz fina, violência física por excesso de convívio com meninas (BAERE & ZANELLO, 2020) ou por dançar músicas de cantoras (GARCIA & BRITTO, 2019). Diversos tipos de ofensas verbais foram corriqueiros, além da exclusão e chacotas nos ambientes coletivos (GARCIA & BRITTO, 2019; SEMECHECHEM & JUNG, 2013).

O trabalhador afeminado dentro da empresa é estereotipado, devendo ser delicado, atento, eloquente e detalhista, sendo associado seus comportamentos aos comportamentos femininos. Entretanto, esses estereótipos não são vistos como qualidades em homens, já que, para que seja aceito dentro da organização é preferível que se aproxime ao modelo hegemônico de masculinidade. A condenação do homem afeminado na instituição, por meio de discriminação e preconceitos expressos por violências, criam barreiras para sua ascensão profissional. Essas variáveis se expressam como um teto de vidro, naturalizando e mantendo a ordem heteronormativa, subjugando os homens afeminados (NETO & SARAIVA, 2018).

A desvalorização do trabalhador afeminado por meio das discriminações pode ser por vezes explícita e direta, como as ofensas, que podem ser veladas, tal como discriminações disfarçadas de piadas. Em especial essas últimas, como são mais sucintas e respaldadas pela sociedade como natural, são recorrentes e invisibilizadas. Dessa maneira, as possibilidades de os homens lutarem por seus direitos são enfraquecidas. A limitação das vivências, marcadas por esses obstáculos, retifica a exclusão, impactando diretamente no senso de pertencimento desse grupo no trabalho formal (IRIGARAY et al., 2010).

Na escola, assim como no ambiente de trabalho, são delimitados os papéis sociais. Os corpos devem assumir consonância com o gênero atribuído, tendo a escola, assim como outras instituições reguladoras, a função de impor e adequar os indivíduos. Essa

imposição cultural se desdobra na realidade com situações de imposições, proibições, com o objetivo de valorizar a masculinidade esperada (LOURO, 2010).

Os alunos são treinados para agirem na sociedade, devendo conseguir ficar sentados longos períodos, treinados quanto ao modo de falar, vestir-se, dentre outros. Assim, se espera produzir os homens de verdade, contidos quanto a exteriorização de sentimentos e com virilidade, contrapondo-se às características femininas. Há um investimento significativo das pedagogias associadas às tecnologias do governo para produzir sujeitos apenas receptores e disciplinados, que reproduzam a mesma lógica. Restando aos que não seguem a norma, o silêncio, segregação e enfrentamento das violências por parte de professores e outros alunos (LOURO, 2010).

Existem demarcações de locais em que é permitida tal expressão, como boates gays específicas. Portanto, se esses comportamentos forem apresentados em outros locais, ele é apreendido enquanto falta de respeito, imoral, passível a constrangimentos. Nesses contextos, em que ser “afeminado” não é aceito, outros gays têm medo de estabelecer contato com eles, visto que poderiam ser reconhecidos como tal ou adquirir algum comportamento “afeminado” (REIS, 2012).

Conforme Oliveira (2018) pontua, são diversos os tipos de violência moral a que homens “afeminados” são constantemente submetidos. Alguns exemplos de falas direcionadas a esses homens são: barbie, aberrante, viado, biba, bicha, baitola, desmunhecada, doente mental, diabólico, escandaloso, mulherzinha, pintosa, essa coca é fanta, dentre outros. As tipologias das ofensas diferem de acordo com a região, entretanto, todas relacionam essa performance ao não humano. Essas repressões estão presentes em diferentes áreas da vida desses homens, desde criança, se o menino brincar com bonecas, pular corda, no emprego ao ser associado ao feminino e na família com suas repressões (MOURA, 2018).

Relacionando este eixo de análise com as problematizações realizadas por Foucault (1988), podemos entender que os mecanismos de poder atuam sobre os corpos, submetendo-os a processos de controle e vigilância, tendo papel de adestramento e manutenção das relações de segregação e hierarquização social. Outrossim, as masculinidades hegemônicas não são determinadas e mantidas por si só. O policiamento e a exclusão presentes nessas instituições fazem parte dos mecanismos que possibilitam tal homogeneização, submetendo as masculinidades subalternas a estressores em

diferentes momentos de sua vida, sendo esses processos, reflexos de como a sociedade está organizada. São recursos que sustentam esses padrões de desigualdade e ordenação do funcionamento do gênero (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013).

QUAIS OS COMPORTAMENTOS DE ENFRENTAMENTO QUE ESSES HOMENS ADOTAM DIANTE DA AFEMINOFOBIA?

Segundo Goffman (1963), são socialmente elaborados mecanismos de categorização dos indivíduos, atribuindo determinadas características para cada grupo. Portanto, as expectativas sociais normativas devem ser atendidas para não haver o rechaço social. Determinados grupos estigmatizados são expostos a uma série de estresse, denominado, estresse de minoria (MAYER & DEAN, 1988). Assim, indivíduos adotam conjuntos de estratégias para enfrentarem situações estressantes que são submetidos (ANTONIAZZI et al., 1998).

Segundo os relatos dos participantes dos artigos selecionados, são destacadas a seguir as respostas às opressões adotadas por esses homens. Em algumas situações, os homens utilizam-se do humor, realizando piadas sobre seus comportamentos afeminados entre si. Identifica-se o objetivo de fortalecimento no senso de pertencimento neste grupo, reafirmando-se como estratégia de sobrevivência (IRIGARAY et al., 2010). Similarmente, há procura de espaços comuns de convivência entre esses homens, como coletivos que lutam contra a hostilidade direcionada ao grupo (BAERE & ZANELLO, 2020). A filiação em grupos minoritários oferece suporte para o enfrentamento ao nível grupal, na medida em que se auto apoiam quando os recursos individuais estão esgotados. Em alguns casos, quando a rede de suporte está significativamente fragilizada e a recorrência da violência é alta, alguns homens se sentem imobilizados, não reagindo (GARCIA & BRITTO, 2019).

Assim, as estruturas grupais têm papel fundamental, visto que dispõem de oportunidade de compartilhamentos solidários e estruturação de condutas pautadas na resiliência e enfrentamento, sendo significativos para o sentimento de pertencimento grupal (MAYER & DEAN, 1988). Entretanto, salientam-se as dificuldades da filiação de homens afeminados às redes de apoio. Mesmo na comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Intersexos e demais orientações sexuais, identidades

e expressões de gênero (LGBT+), o homem afeminado é negligenciado e julgado. Relacionar-se com esses homens afetivamente ou sexualmente é inconcebível para alguns gays ou bissexuais, já que há repulsa e medo de adquirir os comportamentos afeminados. A “bicha pintosa” representa um contraste muito evidente entre o que é esperado pelos homens, devendo ser discretos e “se dar ao respeito”, para poderem ser amados ou até mesmo, construir relações interpessoais (REIS, 2012).

Em outros casos, ainda segundo as pesquisas enquadradas, os homens afeminados são obrigados a se omitirem, comportar-se de acordo com a masculinidade hegemônica como resposta de esquiva (NETO & SARAIVA, 2018; IRIGARAY et al., 2010). Controlar os próprios comportamentos, manter-se passivo diante das violências, autoreprimir-se ou oprimir outros homens afeminados são recorrentes (NETO & SARAIVA, 2018; GARCIA & BRITTO, 2019).

A homofobia internalizada é produto das constantes reprovações advindas da família, amigos, trabalho, escola e sociedade em todas as faixas etárias. Essas experiências de rejeição e aprendizagem social que inter-relacionam o negativo aos comportamentos afeminados, resultam na incidência de atitudes agressivas contra si mesmo e demais homens que se comportam desta forma. Por conseguinte, a autoaceitação e empoderamento é árdua, visto as permanentes advertências (MAYER & DEAN, 1998).

Além do mais, a afeminofobia é frequente nas relações entre homens homoafetivos. Os homoafetivos afeminados, são mais discriminados e suscetíveis à rejeição amorosa. Ao usar maquiagem, bater cabelo, usar roupas curtas e realizar gestos ditos espalhafatosos, são-lhe atribuídos um conjunto de atributos morais que, em diversos contextos, são compreendidos como negativos. Ser a bicha pintosa, o que inclui *Drag Queens*, está associada à dificuldade de ter amigos e estabelecer relações afetivos-sexuais (REIS, 2012).

O ato de se permitir exteriorizar a feminilidade em homens demanda alto fator de resiliência e enfrentamento do medo. Há o medo de não receber apoio familiar, ser discriminado nas instituições, ser marginalizado e não só, há o medo da morte. As violências não são somente ao nível de negação de compartilhamento de espaços, mas é uma violência brutal e que muitas vezes, os crimes praticados ficam impunes (GASTALDI et al., 2021).

AS INFLUÊNCIAS DESSAS SITUAÇÕES NAS CONDIÇÕES DE SAÚDE DE HOMENS AFEMINADOS.

Para iniciarmos este eixo, faz-se necessário considerar o conceito de saúde. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1948, p. 1), o termo saúde é compreendido como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”. Embora haja críticas referentes ao seu caráter utópico de atingir a saúde e imprecisão no termo bem-estar, há o reconhecimento da importância da definição contra visões biologicistas, mecanicistas e centradas na doença (BATISTELLA, 2007). Outrossim, em 1986, na VII Conferência Nacional de Saúde, o sentido mais integral do termo foi formulado

Em sentido amplo, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. (BRASIL, 1986. p. 4)

No contexto que o mundo vivenciou a pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, vírus altamente contagioso que pode levar ao óbito, a organização *OutRight Action International*, realizou uma pesquisa sobre os impactos da pandemia na população LGBTI+. Como resultado, foram apontados que essa população marginalizada enfrenta dificuldades de acesso à saúde e são propensos a níveis elevados de violência durante esse contexto, em comparação com o restante da população. Como a vulnerabilidade econômica, já que a maioria da comunidade trabalha no serviço informal e sua atuação foi impedida por necessitar do contato com outras pessoas; os atendimentos em saúde não foram priorizados a essa população, tendo dificuldades e discriminações nestes serviços; risco de violência doméstica por familiares por conta do *lockdown*; são vítimas de estigmas e culpabilização pelo momento de crise, como se fosse punição divina; e com as atividades e organizações políticas de suporte à população LGBTI+ paralisadas, há preocupação com a sobrevivência desses movimentos, além de dificultar o acesso à rede de apoio e espaços *queer*, ocasionando em invisibilidade e posteriormente, o medo de torná-los insignificantes para o governo (BISHOP, 2020).

Considerando as condições de saúde dessa forma integral e vulnerabilidade amplificada diante do contexto histórico do estudo, as excessivas situações de estresse

social vivenciadas por pessoas estigmatizadas em diversos contextos estão relacionadas com prevalência de transtornos psiquiátricos. O impacto do estresse social na vida dessas pessoas é acentuado, visto que são expostos a condições desfavoráveis adicionais aos estressores que pessoas não estigmatizadas enfrentam. Assim, as condições socioeconômicas, raça/etnia, gênero e sexualidade se interacionam, impactando diretamente nas condições de saúde desses indivíduos (MAYER, 2003).

Segundo os relatos nos estudos, os participantes são questionados, constrangidos e exigidos em diversos momentos nas suas trajetórias de vida por conta de seus comportamentos afeminados. São prejudicados nas suas relações sociais nas instituições sociais, na medida em que precisam justificar seus comportamentos despadronizados para seus colegas (SEMECHECHEM & JUNG, 2013) ou quando são agredidos fisicamente, verbalmente e/ou moralmente (GARCIA & BRITTO, 2019). Sentem-se não pertencentes, alheios às organizações e comunidade LGBTI+, suscetíveis a piadas e/ou dificuldades de sucesso profissional (IRIGARAY et al., 2010; NETO & SARAIVA, 2018). Além de serem obrigados, em vários contextos, acobertar a própria identidade por falta de apoio (IRIGARAY et al., 2010). Ademais, esses intensos contextos de violências, inseguranças e medo do futuro, são fatores que influenciam na ideação suicida por esses homens (BAERE & ZANELLO, 2020).

De acordo com Mayer (1995), existem três processos de estresse de minoria: 1) a homofobia internalizada, compreendida como a internalização das relações estabelecida socialmente entre negativo e a homoafetivada, gerando atitudes negativas do gay contra si próprio; 2) estigma percebido, relacionado com o alto nível de vigilância por medo da rejeição, discriminação e violência, essa pautada em experiências passadas. Levando o indivíduo a constantes auto monitoramento de seus comportamentos e desconfiança nas suas relações e; 3) experiências de discriminação e violência, esse processo se refere aos eventos preconceituosos vivenciados em diferentes contextos, levando-os a se sentirem rejeitados e com medos excessivos.

Desse modo, o Modelo de Estresse de Minoria oferece uma explicação de como os estresses sociais vivenciados por indivíduos estigmatizados impactam em sua vida. As minorias psicológicas, como homens homossexuais e bissexuais, não atendem às expectativas sociais delimitadas, como já explorado. Assim, há um conflito entre a cultura dominante e essas minorias que não atendem as expectativas. Dessa maneira, esses

homens precisam lidar de forma crônica com as atitudes hostis advindas dos ambientes sociais, gerando angústias e tensões, resultando em sofrimento físico e mental (MAYER, 1995; MAYER, 2003).

O ambiente social que homens afeminados descrevem é constantemente atravessado pelas impossibilidades de existir ou permissão de existir somente de acordo com determinadas normas. A interação com os demais é marcada pelo estresse crônico, ou seja, constante. Esses homens, assim como os demais participantes da cultura, são ensinados a relacionar o comportamento feminino à negatividade, sendo que, quando se reconhecem enquanto grupo estigmatizado, pode haver culpabilização e reações hostis direcionado a si. Outrossim, ao perceberem o estigma e terem experiências de discriminação e violência, são obrigados a viverem uma vida dupla. Assim, a autoestima baixa, prejuízos na saúde mental, dificuldades de acesso a direitos básicos civis e políticos, são as possíveis realidades desses homens (MAYER, 2003).

A epidemiologia social se apresenta como uma perspectiva relevante não só para investigar a distribuição, manifestação e em quais condições o adoecimento está presente em diferentes grupos, mas também para dar embasamento para as políticas públicas. As políticas públicas surgem como proposta de enfrentamento das condições que levam a vulnerabilidade para o adoecimento de diferentes grupos. Podendo ser ações macrossociais, modificando a estratificação social, ações que diminuam a vulnerabilidade de determinado grupo ou ações de saúde que visam atenuar os efeitos da desigualdade. Busca-se a universalidade, integralidade e equidade, como um compromisso ético e baseado em evidências, evidências essas que devem ser convertidas em ações (BARATA, 2009).

Considerando as influências sociais no processo saúde-doença desses homens e a importância das políticas públicas, faz-se necessário salientar a importância da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Essa política é fruto dos movimentos LGBTI+ na busca do reconhecimento de suas necessidades e atenção quanto aos seus direitos civis, políticos, sociais e humanos. Especificamente, no reconhecimento das discriminações e exclusões como determinantes sociais. Assim, há luta constante para eliminar a discriminação em todos os setores do SUS (BRASIL, 2013).

Portanto, foi possível observar que os homens afeminados participantes dos estudos, vêm sendo alvos de hostilidade desde a infância, podendo permanecer nessas condições até o fim da vida, considerados desviantes dos caminhos pré-estabelecidos socialmente de ser homem. As dificuldades são expressas nas restrições de relações interpessoais na família, escola, trabalho e até mesmo, na própria comunidade. Repercutindo dessa forma, nas condições vulneráveis não só de saúde psicossocial, como também, na simples possibilidade de existência.

SUGESTÕES DE ENFRENTAMENTO DADA PELOS AUTORES/PESQUISADORES DOS ESTUDOS.

Diante das realidades relatadas pelos estudos, algumas sugestões para ir contra esses processos discriminatórios foram discutidas pelos autores e autoras das pesquisas selecionadas nesta revisão de literatura. Segundo os autores, são necessários trabalhos acadêmicos que articulem as relações de gênero com o letramento entre jovens, visto que há reforço da heteronormatividade nas instituições escolares (SEMECHECHEM & JUNG, 2013). Trabalhos que foquem nas violências e formas de resistência e empoderamento presentes no ambiente organizacional também são salientados, visto sua potencialidade na visibilidade desses homens (IRIGARAY et al., 2010; NETO & SARAIVA, 2018). Outrossim, descrevem serem convenientes pesquisas que interseccionem as masculinidades com demais condições, como cultura, região, idade, raça e classe social (BAERE & ZANELLO, 2020; NETO & SARAIVA, 2018).

É possível complementar esta última questão com os apontamentos de Oliveira e Araújo (2013), do âmbito da antropologia, sobre o *ethos* masculino no estado de Mato Grosso do Sul o qual é marcado pelo ideal de virilidade rude e violenta. Já na área da psicologia social, é possível citar o trabalho de Silva e Menezes (2016), que ao investigar o consumo de álcool entre jovens de duas comunidades quilombolas, identificou como o beber em excesso tende a ser significado como dotado de alto valor masculino.

Ademais, os docentes e gestores nos ambientes escolares e organizacionais devem estar atentos às suas realidades, compreendendo as particularidades de gênero, não sendo condizentes com práticas discriminatórias e excludentes. Problematizando assim, as questões normalizadoras de performatização nas práticas escolares (GARCIA &

BRITTO, 2019), cabendo aos gestores, o conhecimento das influências dos aspectos não objetivos no ambiente e desempenho dos trabalhadores (NETO & SARAIVA, 2018).

Outras sugestões são no nível político, salientando a responsabilidade social para que o desenvolvimento de políticas pautadas no respeito desses homens sejam efetivadas na realidade. Além da sociedade, na totalidade, ponderar-se sobre seus atos complacentes com as discriminações, como a “simples” risada de piadas com conteúdo afeminofóbico (NETO & SARAIVA, 2018; IRIGARAY et al., 2010)

CONCLUSÃO

Considerando os critérios adotados pela presente revisão integrativa de literatura, a produção científica na BVS e *Periódicos CAPES* que focam nos relatos de meninos e homens afeminados é escassa. Os artigos discutidos, embora com variados objetivos e resultados, expressam relatos apenas de homens cisgêneros, predominantemente brancos, não havendo discussão da afeminofobia relacionada com o racismo. No entanto, mais da metade dos artigos enquadrados demonstrou relacionar a afeminofobia com a misoginia, algo relevante e enriquecedor para os debates sobre as masculinidades subalternas.

Ainda de acordo com os dados analisados, os homens e meninos com comportamentos compreendidos socialmente como femininos, são constantemente submetidos a diversos estressores. Dentre os frequentes, piadas, rejeições sociais e outros processos discriminatórios se mostraram presentes nos ambientes de trabalho, escola e relacionamentos familiares. As ações de enfrentamento desse segmento são caracterizadas, ora pela omissão dos comportamentos estigmatizados, repreendendo-se ou repreendendo outros homens e meninos afeminados, ora se associando a coletivos de luta contra as discriminações enfrentadas. Isso demonstra a relevância dos movimentos sociais, visto que o enfrentamento individual é custoso e com diversos obstáculos.

Todas essas situações discriminatórias, atreladas aos estressores decorrentes da vida social impactam diretamente nas condições de saúde e existência da população estudada. Uma vez que, nos contextos dos estudos, são recusados pelos familiares, limitados nas relações interpessoais, importunados e subtraídos as oportunidades de desenvolvimento econômico, discriminados no ambiente escolar e objurgados da livre expressão de si. Assim, estão presentes dificuldades de acesso a direitos civis e políticos.

A presente revisão integrativa da literatura tem importantes contribuições para a visibilidade a milhares de meninos e homens silenciados na esfera social. Ademais, evidencia-se a carência de estudos nacionais que relatem de forma interseccional as condições de existência das diferentes masculinidades. Além da intersecção de marcadores como gênero, raça e classe recomenda-se que as pesquisas se atentem igualmente para as características geográficas-regionais. Sendo o Brasil um país continental e marcado por uma multiplicidade de contextos sociais e culturais, torna-se fundamental que as investigações sobre as masculinidades se atentem para a geografia e localidade.

Por fim, cabe salientar a importância de mais trabalhos que visibilizem homens e meninos “afeminados” de diferentes idades, de diferentes condições, como, por exemplo, homens “afeminados” com deficiência, que vivenciam gordofobia, de diferentes condições socioeconômicas, diferentes regiões, distintas identidades de gênero, orientação sexual e demais singulares.

Sobre o artigo:

Recebido: 04 de julho de 2022

Revisado: 22 de setembro de 2023

Aceito: 27 de outubro de 2023

REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**. Vol. 3, n° 2, p. 273-294, 1998.
- APA - American Psychological Association. [s.d.]. **Dictionary of psychology**. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/> [Acesso em 21.05.2021].
- BAERE, Felipe; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicol. Estud.**, Maringá. Vol. 25, 2020. <http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 225, 2011.
- BARATA, Rita Barradas. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. Temas em Saúde collection. p. 120 . ISBN 978-85-7541-391-3. 2009.
- BISHOP, Amie. Vulnerability amplified: The impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people. **OutRight Action International**, New York. 2020.
- BRASIL. Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. (Lei Maria da Penha).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **VIII Conferência Nacional de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 1986.
- CADERNO GLOBO 12. 2017. **Corpo: artigo indefinido**. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A. Globo Universidade. Disponível em: http://estatico.redeglobo.globo.com/2017/06/13/Edicao_completa.pdf [Acesso em 21.05.2021].
- CFP - Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, agosto de 2005.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. 2013. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis. Vol. 21, n° 1, p. 241-282, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teofilo. Performatizações queer na educação física escolar. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 1321-1334. ISSN 1982-8918, 2019. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.82502>.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga et al., (Orgs.). Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia; 1. ed. - Florianópolis: **Editora Acontece Arte e Política LGBTI+**, 2021.

GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: **CEPESC**; Brasília : SPM, 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/655/1/genero.pdf> [Acesso em 21.05.2021].

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert. Vol. 4, 1963.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro : **IBGE**, 2019.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis.; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**. Vol. 14, n° 5, p. 890-906, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1415-6552010000500008>

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**. Vol. 4, n° 9, p. 103-117, 1998. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Orgs.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: **Autêntica**, p. 7-35, 2010.

MATTOS et al. (Orgs). **Cartilha BLEND**. 2019. Disponível em: https://www.bayer.com.br/sites/bayer_com_br/files/cartilha-blend-v2.pdf [Acesso em 21.05.2021].

MEYER, Ilan H. Minority Stress and Mental Health in Gay Men. **Journal of Health and Social Behavior**. Vol. 36, n° 1, p. 38-56, 1995.

MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological bulletin**. Vol. 129, n° 5, p. 674, 2003.

MEYER, Ilan H.; DEAN, Laura. Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. **Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians, gay men, and bisexuals**. Vol. 4, p. 160-186, 1998.

MOURA, Renan Gomes. Menino afeminado. **Simbiótica. Revista Eletrônica**. Vol. 5, n° 2, p. 161-163, 2018. <https://doi.org/10.47456/simbitica.v5i2.23150>.

NETO, Henrique Luiz Caproni; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Masculinidades, trabalho e reprodução de preconceitos: um estudo com trabalhadores gays, lésbicas e bissexuais. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo. Vol. 8, n° 1, p. 191-215, 2018. ISSN 2237-7956. <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2018.v8i1.2201>.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação!. **Revista Periódicus**. Vol. 1, n° 9, p. 161-191, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25762> [Acesso em 21.05.2021].

OLIVEIRA, Esmael Alves de; ARAUJO, Joalisson Oliveira. Marcas necropolíticas sobre corpos dissidentes em Mato Grosso do Sul/MS. **Perspectivas em diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 7, n. 14, p. 295-306, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/9269> [Acesso em 21.09.2023].

PRECIADO, Paulo B. 14 de janeiro de 2013. **Quem defende a criança queer?**. Disponível em: https://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947/. [Acesso em 21.05.2021].

REIS, Ramon Pereira. Eu tenho medo de ficar afeminado: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual. **Revista do NUFEN**. Vol. 4, n° 1, p. 73-87, 2012.

RESOLUÇÃO, N°. 001/99, de 22 de março de 1999. Normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

RESOLUÇÃO, N°. 01/2018, de 29 de janeiro de 2018. Normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. How to bring your kids up gay: The war on effeminate boys. In: **Tendencies**. Duke University Press. p. 154-164, 1993.

SEMECHECHEM, Jakeline A.; JUNG, Neiva M. Letra bonita e coisa de menina": a construção de gênero social em um evento de letramento escolar. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**. Vol. 17, n° 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25001/14033> [Acesso em 09.05.2021].

SILVA, Roseane Amorim da; MENEZES, Jaileila de Araújo. Reflexões sobre o uso de álcool entre jovens quilombolas. **Psicologia & Sociedade**, 28(1), 84-93. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p084> [Acesso em 21.09.2023].

TAKARA, Samilo. Histórias de meninos afeminados: resistências e política nas leituras de artefatos culturais. **Revista Entrelaces**. Vol 2, N° 9, Jan.-Jun, 2017. ISSN 1980-4571. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28388>. [Acesso em 21.05.2021].

TORONTO, Coleen E.; REMINGTON, Ruth (ed.). A Step-by-Step Guide to Conducting an Integrative Review. Switzerland: **Springer**. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constitution**. 1948. Disponível em: https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf